

Nutricionista satisfeita com não à publicidade enganosa

“Foram aprovadas, em Fevereiro, novas regras para combater a publicidade enganosa de produtos destinados às crianças, medidas aplaudidas por aqueles que mais directamente trabalham com as mesmas

O Instituto Civil da Auto-disciplina da Comunicação Comercial aprovou, no último mês de Fevereiro um documento que se apresenta como um código de auto-regulação. Através do mesmo, passam a estar vinculadas as principais agências de publicidade do país, sendo que se prevê, entre outras medidas, acabar com as sugestões enganosas como as de que determinados alimentos vão dotar as crianças de poderes especiais.

Considerando diversos estudos científicos que associam a elevada prevalência de excesso de peso e obesidade à publicidade alimentar, «é com elevada satisfação que congratulo as recentes medidas restritivas à publicidade alimentar dirigida às crianças, um elemento estratégico na promoção de hábitos saudáveis e no combate à obesidade infantil», conforme nos diz a nutricionista madeirense Lúcia Carvalho.

Para aquela nutricionista ligada à Rede de Bufetes Saudáveis implementada pela Secretaria Regional de Educação, «o marketing a alimentos sem valor nutricional constitui um claro atentado à saúde pública». Daí que considere ser «inaceitável que um produto contenha alegações nutricionais e de saúde dissonantes da sua composição nutricional, ou seja, que contenha mensagens falsas, enganosas ou não fundamentadas cientificamente».

Deste modo, a nutricionista madeirense defende que «o controlo desta matéria por uma entidade independente, na sequência de um acordo entre empresas do sector alimentar, assume-se como um factor determinante para o sucesso desta iniciativa».

«É claro que a auto-regulação, sendo importante, não é suficiente, importa monitorizar e dar garantias ao consumidor da confiança sobre qualquer produto alimentar (segurança alimentar, perfil nutricional e benefícios para a saúde). Os conteúdos das mensagens comerciais dirigidas às crianças deverão ser repensados impondo limites à publicidade de alimentos ricos em gordura, açúcar e sal cujo consumo deverá ser restringido no contexto de uma alimentação saudável e equilibrada», acrescenta a nutricionista. O horário de publicidade é outro dos factores que deverá ser controlado, conforme defende Lúcia Carvalho. Esta é, aliás, uma medida da maior importância que há muito constitui uma luta de diversos especialistas na área. «Nunca é demasiado tarde e acredito que será um factor promissor na luta contra a obesidade infantil», afirma. Lúcia Carvalho diz que com o contributo da indústria alimentar, numa atitude cada vez mais responsável na promoção da alimentação saudável, «o exemplo

da escola será cada vez mais uma realidade global. O sucesso de intervenção pressupõe que a educação alimentar seja transversal a toda a sociedade. Só assim, poderemos fazer a diferença e inverter a crescente prevalência de obesidade infantil».

Vinte e quatro escolas “saudáveis”

A Rede de Bufetes Escolares Saudáveis (RBES) integra, actualmente, 24 escolas da Região.

Este projecto teve o seu início com uma experiência piloto que decorreu na escola básica dos 2.º e 3.º ciclos dos Louros, no ano de 2000/1.

No ano seguinte, surgiu a Rede com o objectivo de aumentar o consumo de alimentos saudáveis pela comunidade escolar. O projecto agregou, inicialmente, seis escolas.

A Rede de Bufetes Escolares Saudáveis conta com a participação de 24 escolas dos 2º e 3º ciclos e Secundárias da RAM (Públicas e particulares). A mais recente “conquista” refere-se à Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos do Curral das Freiras, a qual se vem juntar à Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Bartolomeu Perestrelo, cuja adesão remonta ao início do presente ano lectivo.

É benéfico o travão à publicidade

Manuel Pedro Freitas diz que não tem quaisquer dúvidas de que a publicidade de determinados alimentos influencia não só as crianças como os próprios adultos.

«Embarcam na primeira sugestão que a televisão faz ou que o mercado publicitário faz. É óbvio que, tanto para os adultos (que são levados pela publicidade para emagrecer), tanto as crianças (levadas pela publicidade das guloseimas) ficam encantadas com o que ouvem e correm logo a comprar o produto anunciado», alerta o pediatra madeirense.

No caso concreto das crianças, estas são ainda mais susceptíveis. «Quando em causa, está uma informação que dá conta que determinado produto faz bem à criança, os próprios adultos vão na onda e acabam por aceitar comprá-lo», refere o pediatra, o qual embora não saiba precisar o número de crianças obesas na Região, admite que, tal como acontece a nível mundial, é cada vez mais frequente entrarem pelo seu consultório, crianças com peso a mais.

«É necessário haver um certo travão para aqueles produtos que não foram provados fazerem um efeito positivo como se pode deduzir através dos anúncios publicitários», adianta ainda o pediatra madeirense.

Melhor aposta é pôr crianças a almoçar na escola

O pediatra madeirense Manuel Pedro Freitas diz que a melhor aposta para retirar as crianças do caminho da obesidade é pô-las a usufruírem das refeições escolares. «As comidas de restaurantes, sobretudo aquelas relacionadas com fast-food» são a pior coisa que se pode dar às crianças pelo que, o pediatra aconselha aos pais e encarregados de educação para que optem que os seus filhos comam na escola.

Isto porque «os estabelecimentos escolares, os professores, a Secretaria Regional da Educação, a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais, estão a tentar travar o fenómeno da obesidade infantil».

É sabido que há um cada vez maior número de estabelecimentos de ensino na Região que aderiu à Rede de Bufetes Saudáveis, sendo que muitos dos alimentos, como bolos com creme e batatas fritas já foram abolidos dos bares das escolas.

O pediatra madeirense admite que o combate à obesidade é complicado porque as regras de alimentação estão completamente adulteradas pelo facto de não haver disponibilidade da parte dos pais.

«Cada vez mais, as crianças não comem em casa. Às vezes, os serviços que fornecem as refeições não estão preparados para confeccionar refeições saudáveis. Há também uma cada vez maior quantidade de oferta nos supermercados».

Por outro lado, frisa ainda aquele médico madeirense, «há ainda os pais que compensam ou premeiam os filhos com guloseimas».

«Como tiveste boa nota, vou comprar-te um chocolate. Como tivestes boa nota, vais comer aquilo que mais gostas», refere o pediatra Manuel Pedro Freitas.

A comida que a grande maioria das crianças mais gostas é, naturalmente, as guloseimas, as refeições muito calóricas e muito pouco saudáveis, o que faz com que o combate à obesidade infantil seja ainda mais difícil.”

Carla Ribeiro

Data: 05/04/2010

Fonte: [Jornal da Madeira](#)